

TEMAS ECONÔMICOS Nº. 3

INDICADORES ECONÔMICOS **FIEMA**

FIEMA

Federação das Indústrias do Estado do Maranhão
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Desemprego aumenta no Maranhão

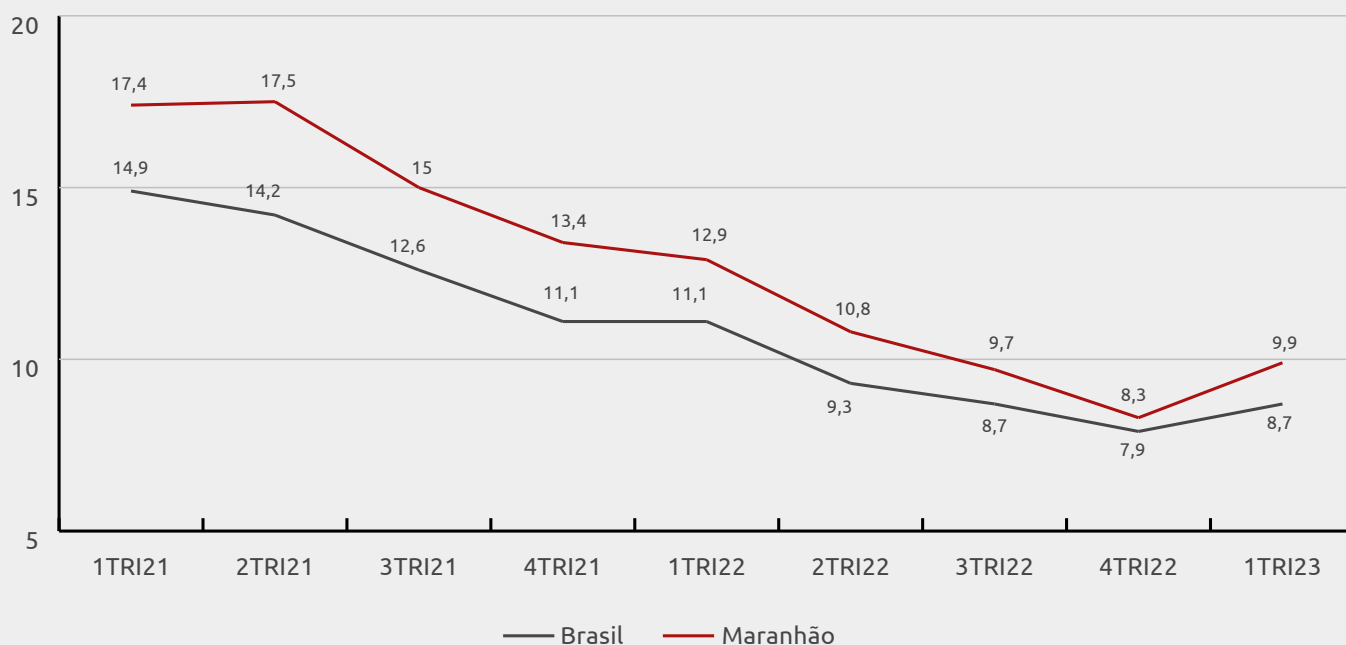
Em maio, o IBGE divulgou os dados da PAND-Contínua referentes ao 1º Trimestre de 2023 e mostram o que já era esperado, tanto em termos de Brasil, quanto do estado do Maranhão.

Aqui, a taxa de desemprego, que vinha em trajetória decrescente até 2022, voltou a crescer, saltando para 9,9%

neste 1º trimestre/2023, quando no trimestre anterior era de 8,3%. Ou seja, aumento de 1,6 ponto percentual, quase o dobro da variação no país (0,9 ponto).

O surpreendente é que o desemprego vinha caindo, sucessivamente, desde o 3º trimestre de 2021, conforme descreve o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Evolução da Taxa de Desocupação (%) no Maranhão e Brasil, por trimestre de 2021 a 2023



Em valores absolutos, esse aumento da taxa de desocupação representa um acréscimo de mais 40 mil pessoas desempregadas no estado, entre o 4º trimestre de 2022 e este 1º trimestre de 2023. No Brasil, foram 860 mil novos desempregados.

Ressalte-se, a bem da verdade, que essa trajetória do crescimento do desemprego já era esperada. Todos os estados das regiões Norte (9,1%) e Nordeste (12,2%) registraram taxa de desocupação acima da média geral do Brasil (8,8%). No Sudeste, a taxa ficou em 8,6%, no Centro-Oeste em 7,0% e, na região Sul, disparadamente a menor do país (5,0%).

Isoladamente, em termos de UF, as menores taxas de desocupação ficaram por conta de Rondônia (3,2%), Santa Catarina (3,8%) e Mato Grosso (4,5%).

Além da taxa de desocupação das pessoas de 14 ou mais anos de idade, é preocupante o número de pessoas desalentadas e seu respectivo índice, em relação ao trabalho. Neste 1º trimestre/2023, o Maranhão registrou 463 mil pessoas (1,5% menor do que era no 4º trimestre/2022), valendo lembrar que, no 1º trimestre de 2015, eram apenas 121 mil pessoas. Somente a Bahia (600 mil pessoas) possui um contingente de desalentados maior do que o do Maranhão.

Novamente, Rondônia (0,7%), Mato Grosso (0,6%) e Santa Catarina (0,3%) apresentam os menores índices de desalentados do país. Na região Sul, chega a 1% apenas.

Apesar do aumento do desemprego, é importante reconhecer que a informalidade na economia do estado diminuiu na comparação com o trimestre passado, caindo de 57,4% para 56,5% de um total de 141 mil pessoas ocupadas no segmento. É o terceiro maior índice do país, perdendo apenas para Amazonas (57,2%) e Pará (59,6%). Em Santa Catarina, a taxa de informalidade é de 26,1%, a mais baixa do Brasil, onde a média geral ficou em 39,0%.

O nível de informalidade, no estado do Maranhão, foi registrado no trabalho doméstico, com 90,8%, superando o 4º trimestre/2022 (89,5%).

Não se pode deixar de enfatizar a composição da população ocupada segundo a posição na ocupação: 39,4% são empregados no setor privado; 18,1% no setor público; 31,6% são trabalhadores por conta própria; 5,6%, trabalhadores domésticos; 3%, empregadores; e 2,2, trabalhador auxiliar familiar. A grande maioria dos ocupados por conta própria está na informalidade.

Uma consequência natural dessa estrutura ocupacional se vê na remuneração. Segundo a PNAD Contínua, o rendimento médio mensal real habitualmente recebido de todos os trabalhos, pelas pessoas ocupadas no Maranhão, nesse 1º trimestre de 2023, na ordem de R\$ 1.853,00, é o mais baixo do país e corresponde a 64,3% do valor médio do Brasil e 38,2% do Distrito Federal, o mais alto.



TEMAS ECONÔMICOS | Publicação da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (FIEMA) em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) | Superintendente da FIEMA: César Augusto Miranda | Coordenadoria de Ações Estratégicas (Coes): José Henrique Braga Polary | Diagramação e revisão: Coordenadoria de Comunicação e Eventos (Cocev).

(98) 3212-1870 | jhpolarity@fiema.org.br | pesquisa@fiema.org.br

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

